

Devir-tatuagem: neoconservadorismo, polêmica e conversa complicada na formação de professores

Leonardo Ferreira Peixotoⁱ 

Universidade do Estado do Amazonas, Tabatinga, AM, Brasil

Resumo

A partir de uma narrativa autobiográfica de uma atividade desenvolvida em uma disciplina, narro minha percepção sobre minha própria prática docente, considerando a importância dos movimentos sociais em minha formação e da compreensão da atividade docente, como uma atividade de militância. Trago narrativas sobre uma prática realizada, a exibição do filme Tatuagem e as conversas complicadas (PINAR, 2009) que decorreram desta exibição. Ao final, analisando o cenário brasileiro neoconservador, faço algumas reflexões sobre “o fracasso” da prática vivenciada.

Palavras-chave: Polêmica; Conversa complicada; Formação de professores.

Becoming-tattoo: neoconservatism, controversy and complicated conversation in teacher education

Abstract

Based on an autobiographical narrative of an activity developed in a discipline, I narrate my perception of my own teaching practice, considering the importance of social movements in my education and the understanding of teaching activity, as an activist activity. I bring narratives about a practice performed, the exhibition of the movie Tatuagem and the complicated conversations (PINAR, 2009) that resulted from this exhibition. In the end, analyzing the neoconservative Brazilian scenario, I make some reflections on “the failure” of the practice experienced.

Keywords: Polemic. Complicated conversation. Teacher training.

1 Introdução

Lanço-me no desafio de analisar a minha própria prática, a partir de uma narrativa autobiográfica de uma atividade desenvolvida em uma disciplina ministrada para estudantes do curso de pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas, no ano de 2015. Na primeira parte do texto, narro minha percepção sobre minha própria prática docente, considerando a importância dos movimentos sociais em minha formação e da compreensão da atividade docente, como uma atividade de militância. Na segunda parte, apresento como surgiu a proposta de exibição do filme Tatuagem do diretor Hilton Lacerda. Na terceira parte, trago as narrativas sobre a prática realizada, narrando sobre a polêmica (FOUCAULT, 1984) e a conversa

complicada (PINAR, 2009) que decorreram da exibição do filme. Por fim, sem querer concluir com respostas para os desafios apresentados neste cenário educacional brasileiro neoconservador, faço algumas reflexões sobre a prática vivenciada.

Intitular o texto de Devir-Tatuagem é uma forma de brincar com o título do filme e ao mesmo tempo pensar sobre as marcas que não se definem ao longo de nossas trajetórias escolares e de formação. A tatuagem como devir, propõe que a centralidade da experiência não é a concretização de um objeto, mas os processos, as ações, os atos praticados e que marcam sem fixar uma única imagem ou um único sentido. A tatuagem, como metáfora, remete-nos a processos que mesclam dores e prazeres. Os *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2013) se marcam e são marcados mutuamente. A metáfora permiti-nos ainda considerar que essas tatuagens estão naquilo que Paul Valéry considera como sendo o que temos de mais profundo: a nossa pele.

2 Da prática docente como prática militante

Durante o curso de graduação em Pedagogia (2004-2009), tive a oportunidade de cursar a disciplina de Filosofia da Educação Brasileira com o professor Gaudêncio Frigotto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Não por acaso, ou talvez por ele¹, Gaudêncio Frigotto tornou-se uma grande referência; suas aulas, suas práticas e seus posicionamentos políticos foram uns dos responsáveis pelo meu envolvimento com o movimento estudantil. Gaudêncio inspirava a mim e outros colegas a irmos além das normas e regras já estabelecidas. Vivíamos o primeiro mandato do Governo Lula (2003-2006) e muitas críticas já emergiam quanto ao suposto descompromisso do Partido dos Trabalhadores (PT) com a classe operária. Víamos um tradicional partido da

¹ A obra organizada por Ferraz e Baron (2012) intitulada “Potências e práticas do acaso: o acaso na filosofia, na cultura e nas artes ocidentais” tem contribuído para minha forma de repensar o significado dos acasos nas trajetórias de formação. No entanto, como trata de tema ainda recente para mim, não vou me aprofundar sobre esses argumentos nesse texto.

esquerda brasileira, posicionando-se mais ao centro e, entre outras questões, vivenciávamos discussões acaloradas em torno da Contra-Reforma Universitária.

Em uma das aulas, perguntamos ao professor Gaudêncio o porquê de seu posicionamento “se limitar” aos textos produzidos e às aulas ministradas. Questionamos o porquê em questões relativas à universidade ele não “tomava partido” mais enfaticamente, ou até mesmo lançando uma candidatura. Em algum momento pensávamos que militar era apenas estar na linha de frente das trincheiras. Gaudêncio nos devolveu a resposta com outro questionamento: *Vocês acham que é pouco um professor militar no espaço da sala de aula? E completou: Imaginem quantos estudantes por ano passam pela mão de um formador de professores. Multipliquem essa quantidade pelos anos de trabalho desse professor. Agora imaginem que cada um desses professores formados será responsável pela formação de outras tantas pessoas. Vocês não acham que dessa forma podemos contribuir para a emancipação de muitos e fazer uma verdadeira revolução?*²

Esta experiência com Gaudêncio marcou minha trajetória de formação e, apesar de saber que não somos nós professores, e muito menos a educação, os redentores da sociedade, aprendi que enquanto professores precisamos sim “tomar partido” nos cotidianos de nossas salas de aula. Isso não significa doutrinar, não significa obrigar que seus estudantes pensem como você, significa ter compromisso e a obrigação de problematizar questões que fazem parte dos nossos cotidianos. Significa sobretudo entender que não existe neutralidade no processo educacional, não há neutralidade no processo de produção de conhecimento.

Minha trajetória de formação é marcada pela minha atuação no movimento estudantil, no movimento de luta pelos direitos LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersex, Assexuades, e tantas outras), pelas lutas junto ao Sindicato dos Profissionais da Educação (SEPE) do Rio de Janeiro, no Sindicato dos Docentes do Estado do Amazonas (SINDUEA) e no Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Durante o período em que fui professor da educação básica do Rio de Janeiro participei de um movimento denominado Luta

² As falas de Gaudêncio Frigotto não estão grafadas exatamente como foram ditas, mas da maneira como a minha memória registrou este diálogo ocorrido em 2005.

Educadora (LE) e atualmente sou militante da Primavera Socialista no Estado do Amazonas. Não consigo pensar numa prática docente dissociada de toda a minha história de participação em movimentos sociais.

Além disso, não consigo conceber um processo educacional sem crítica. A crítica não tem como ser doutrinação. Ela é o oposto da conformidade, o oposto do silenciamento. Acredito e aposto numa prática educacional, que provoque a reflexão e a não conformação do estado das coisas tal como elas são. Imbuído desse espírito que planejo minhas disciplinas e foi assim com a disciplina Arte-Educação que foi ministrada no curso de Pedagogia da minha instituição, no primeiro semestre de 2015.

4

3 Da exibição de Tatuagem

A vontade de ministrar a disciplina Arte-Educação surgiu quando percebi que esta disciplina estava sendo ministrada por colegas que tinham concepções instrumentalistas e tecnicistas do ensino de arte. No Centro Universitário em que atuo, não havia em 2015, e nem há até o momento, um movimento estudantil organizado. Não percebemos em nosso cotidiano manifestações artísticas organizadas nem por docentes e nem por discentes. A falta de intervenções artísticas e de organização do movimento estudantil foram as principais motivadoras para que eu me interessasse e solicitasse ministrar essa disciplina. Eu já sabia que a disciplina seria um desafio, pois eu ainda não havia me aprofundado nas questões epistemológicas em torno da Arte-Educação.

Durante o planejamento da disciplina, selecionei alguns textos que valorizassem diferentes expressões artísticas e que problematizassem o papel do professor como artista. Seguindo os meus objetivos iniciais, selecionei o filme brasileiro “Tatuagem” de Hilton Lacerda para exibir durante a disciplina. O filme narra a história de um grupo de teatro pernambucano durante a ditadura militar. Apesar de ser uma obra de ficção, o grupo do filme, Chão de Estrelas, é uma homenagem de Hilton Lacerda ao grupo Vivencial Diverciones, que surgiu em Pernambuco nos anos 70. A narrativa gira em torno da história de amor entre o

diretor do grupo teatral e um soldado. Foi essa relação amorosa que provocou a polêmica criada por alguns estudantes da disciplina de Arte-Educação.

Minha unidade está localizada no município de Tabatinga (AM), região de tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia. A região é altamente militarizada. Muitas parcerias são desenvolvidas entre minha unidade e as Forças Armadas. Muitos militares são alunos de nossos cursos e muitas vezes a universidade depende das Forças Armadas, por exemplo, para transporte de materiais vindos da capital.

No início de 2015, fomos informados de um convite do Exército para que os estudantes participassem na recepção de calouros de um “trote” que consistiria em um dia de treinamento na selva e uma palestra que seria ministrada pelo comandante do Exército sobre cidadania. Alguns professores do curso de Pedagogia questionaram essa forma de intervenção do Exército na Universidade. É importante ressaltar que no início de 2015, uma parcela significativa da população brasileira, em sua maioria de classe média, estava indo às ruas reivindicar o impeachment da presidenta eleita Dilma Roussef e intervenção militar.

Preocupados com essas questões, alguns de nós, professores, propomos a exibição de uma mostra de filmes sobre a Ditadura Militar, que se iniciaria no dia 01 de abril de 2015, por ocasião dos 51 anos do Golpe Militar de 1964. Sugeri a inserção do filme Tatuagem, que já fazia parte do meu planejamento de disciplina, na programação da mostra e propus à turma que participássemos da atividade. Foi o que aconteceu.

No Brasil, durante a ditadura, podemos destacar dois grupos artísticos que marcaram o cenário teatral por sua irreverência, originalidade e resistência ao sistema político imposto: o Dzi Croquettes no Rio de Janeiro e o Vivencial Diverciones em Recife. No filme em questão, essas são as marcas do grupo Chão de Estrelas. Também exibimos na Mostra de Filmes o documentário Dzi Croquettes. Sempre após a exibição dos filmes, fazíamos uma rodada de debates. A Mostra de Filmes era aberta a toda comunidade acadêmica e também a qualquer pessoa da comunidade do entorno que quisesse participar.

4 Da polêmica e das conversas

Assim que cheguei da universidade, após a exibição de Tatuagem escrevi sobre o que estava sentindo e salvei o arquivo em meu computador. No dia seguinte, não satisfeito em guardar aquelas impressões apenas para mim, fiz uma postagem em uma rede social:

6

Sabe aqueles dias que entram pra nossa história? Hoje foi um dia desses. Hoje, encerramos a mostra de filmes contra a ditadura militar com a exibição de "Tatuagem". Pra começar, o maior público de todos os dias. Em média, as sessões tinham 30 pessoas. Hoje, tivemos mais de 100. Confesso que eu estava um pouco tenso, mas banqueei a exibição do filme. Algumas pessoas podem achar estranho a minha tensão, afinal, para a maioria das pessoas a universidade é o espaço onde podemos discutir abertamente sobre tudo. Sim, eu concordo. Por isso, banqueei a exibição do filme, como continuarei a bancar qualquer outra questão que eu achar que deva ser tratada na universidade. Acontece que, vivemos numa região de fronteira, onde muitos de nossos alunos são militares. Além disso, tenho uma direção evangélica, acostumada a liberar o auditório do CESTB para a realização de eventos religiosos. E mais, quando cheguei no Centro e decidi dialogar com as turmas de Pedagogia sobre nosso projeto pedagógico de curso, fui acusado de estar "trazendo a política para o CESTB" (kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk Podem rir, eu sempre gargalho quando lembro que ouvi essa frase) e fui chamado de "Madre Teresa de 'Cucutá' dos alunos". Pois bem, o que quero dizer é que estou muito feliz, porque num auditório acostumado a ouvir discursos evangélicos, hoje ouviu-se inúmeras vezes a palavra CU. Diversas vozes se pronunciaram em nome da liberdade. E o melhor de tudo, foi ouvir de um senhor militar (quero frisar: senhor e militar), que disse que para além de marcar a luta contra a sociedade falocêntrica, mostrar o cu é também desinvisibilizar todos os problemas que a sociedade tenta esconder. Segundo ele, nós precisamos mostrar o cu da sociedade. Hoje, as vozes oprimidas e silenciadas nos cotidianos desse centro, calaram as vozes que destilam discriminação. Hoje, eu me senti mais próximo da universidade que sonho. Hoje, minha alma se renovou de alegria e esperança. Agradeço e dedico essa prática de hoje aos meus companheiros de militância do Centro Acadêmico Paulo Freire da UERJ e do Movimento LGBT. E prazininigax: Meu cu pra vocês!

Depois de fazer a postagem, fui ao restaurante onde almoçava habitualmente e onde uma das minhas alunas trabalhava. Perguntei a ela, ainda bastante eufórico, o que a turma tinha achado do filme. Segue nossa conversa:

ALUNA: Ninguém gostou, professor.

EU: Sério? Ninguém?

ALUNA: A maioria não gostou. Sabe o que é, professor? Tem muita gente evangélica na minha sala, então muita gente ficou muito incomodada.

EU: Eu entendo. Já imaginava. Mas, que bom! Era isso mesmo! Eu queria incomodar. Então tá ótimo!

Não posso negar, que apesar de feliz com o resultado da exibição do filme, após a conversa com esta aluna, comecei a pensar sobre o que havia acontecido na noite anterior. Lembrei que apesar do auditório ainda ter permanecido cheio no momento do debate, o espaço que havia sido ocupado inicialmente pela turma estava um pouco mais vazio. Na ocasião, imaginei que os alunos pudessem ter trocado de lugar, ou que tivessem apenas saído no momento do debate. Confesso que não me atentei para o fato de que a maior parte desses estudantes haviam se retirado do auditório ainda durante a exibição do filme.

No final de semana seguinte, encontrei boa parte da turma em um bingo que ocorria na cidade. Percebi claramente que havia uma tensão existente entre nós. Um dos estudantes veio conversar comigo e perguntei o que a turma estava comentando sobre a exibição do filme. Ele disse que a turma tinha conversado e que tinham decidido não entregar a resenha que eu havia solicitado. Disse a ele que conversaríamos na próxima aula, mas confesso que eu fui invadido por uma tristeza profunda, porque a importância maior da discussão girava em torno da entrega de uma resenha.

Ao longo daquela semana, antes da minha aula, a questão já havia se tornado uma polêmica. Para Foucault, a polêmica consiste num jogo onde o polemista não vê no outro “um parceiro a busca pela verdade, mas um adversário, um inimigo que está enganado, que é perigoso e cuja própria existência constitui uma ameaça” (FOUCAULT, 2012, p.220). Para confirmar esta noção de polêmica, chegou até mim a informação de que alguns estudantes defendiam que eu não deveria continuar a ministrar a disciplina.

Pensei diversas vezes em sequer dialogar sobre o fato e seguir as aulas apenas com quem quisesse. Sabemos que nossa posição de poder nos permite adotar tal postura em algumas situações, mas pensei que isso não seria o melhor a ser feito. Decidi dialogar. Sempre acreditei na importância do diálogo e de alguma forma eu deveria encarar o que inicialmente eu via como uma polêmica, como mais uma das conversas complicadas (PINAR, 2007) que fazem parte dos currículos.

Foram três tempos de aula consecutivos dedicados a esta conversa. Inicialmente fiz uma escuta atenta das queixas dos estudantes. Os discursos faziam acusações de fazer “apologia ao homossexualismo” e sugeriam que da mesma forma que textos científicos eram usados para embasar teoricamente o que é dito em sala de aula, a bíblia também pudesse ser considerada como verdade e texto a ser considerado como argumento válido e legítimo naquele *espaçotempo*. Após ouvir atentamente o que todos tinham a dizer, iniciei a minha fala defendendo que nossa sala de aula era um *espaçotempo* onde não precisávamos concordar com tudo. Que em nossa prática havia sempre lugar para contestação, para discordância, para crítica. Aleguei que não é o meu papel enquanto professor convencer nenhum estudante a pensar de outro modo, mas que a universidade é um espaço plural e que todas as temáticas podem e devem ser debatidas e discutidas. Argumentei que não se tratava de fazer apologia à homossexualidade, mas de debater sobre uma questão que é muito cara para quem luta em defesa dos direitos humanos e acredita na escola e na educação como possibilidade de emancipação social (SANTOS, 2009).

Quanto ao uso de textos bíblicos como argumento, disse que de fato existem múltiplas verdades no mundo e que isso dá o direito de que a gente possa dialogar e defender aquilo que acreditamos, mas que precisamos saber quais as condições de verdade que vão referendar os nossos argumentos em determinados contextos. Aleguei que provavelmente em uma instituição religiosa os textos acadêmicos e científicos não seriam fortes e válidos o suficiente para confrontar a autoridade dos “textos sagrados”. Sendo assim, eu reafirmava que no espaço da universidade, os textos bíblicos sempre encontrariam dificuldade maior em sua defesa e sustentação.

5 E o que fazemos? Que ensinamentos ou considerações podemos fazer desta narrativa?

A inspiração para a produção desse texto surgiu depois que li o artigo de Janet Miller publicado na Revista E-Curriculum em 2014, num dossiê organizado pela Associação Brasileira de Currículo sobre a Base Nacional Curricular Comum

indico aqui como investigações autobiográficas dentre e dentro das complexidades das vidas vividas de estudantes e educadores podem esclarecer a importância de questões não-respondíveis, o desconhecido e incognoscível em e através do processo de educação. Também argumento que tais perspectivas são mais necessárias agora como modo de se opor à incessante insistência na certeza (MILLER, 2014, p.2056)

9

A sensação que tive após essa experiência em sala de aula era a de que eu havia fracassado, de que os meus objetivos não haviam sido alcançados. E de fato foi isso que aconteceu. No entanto, Janet nos faz perceber o quanto nossa prática é repleta de incertezas e de fracassos. Que não temos e não precisamos ter as respostas para tudo a todo o momento. Narrar essa minha experiência, nesse momento de avanço neoconservador nas políticas educacionais oficiais do Brasil é politicamente importante. A extrema direita está no poder. Vivemos de um lado um projeto educacional que se pretende definidor dos conteúdos que devem ser ensinados em todas as escolas de educação básica do Brasil (BNCC), desrespeitando e desconsiderando os diferentes conhecimentos e currículos que já são produzidos nos cotidianos de nossas escolas. Temos ainda um movimento, agora mais enfraquecido, intitulado “Escola Sem Partido” que defende a suposta neutralidade na transmissão dos conhecimentos, mas que na realidade sabemos ser “a escola de um partido só”. O ESP dissemina a ideia de que professores que defendem posturas críticas nos processos educacionais fazem doutrinação de alunos.

Esses projetos que ganharam a presidência da república nas eleições de 2018 representam grande retrocesso às lutas em defesa da emancipação social. Não há como não tomar partido nessa discussão. Não podemos continuar a achar que cabe à escola transmitir conhecimentos definidos a priori. É preciso valorizar os diferentes conhecimentos produzidos nos cotidianos de diferentes escolas e em diferentes contextos sociais. Precisamos valorizar as incertezas e perceber que elas também são constitutivas de nossas trajetórias. Isso não nos torna melhores ou

piores, são apenas tatuagens em devir, marcas que não se fixam ao longo de nossos processos de transformação cotidiana.

Referências

FOUCAULT, Michel. “Polêmica, Política e Problematizações”: entrevista com P. Rabinow, maio de 1984. IN: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, volume V: ética. sexualidade. Política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MILLER, Janet. Teorização do currículo como antídoto contra/na cultura da testagem. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 03 p. 2043 - 2063 out./dez. 2014.

OLIVEIRA, Inês B. Currículo e processos de aprendizagem ensino: políticas práticas educacionais cotidianas. **Currículo sem Fronteiras**. v.13, p.375 - 391, 2013.

PINAR, William F. **O que é a Teoria do Currículo?** Porto: Porto Editora, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) **As vozes do mundo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ⁱ **Leonardo Ferreira Peixoto**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4817-1701>

Programa de Pós-Graduação. Universidade do Estado do Amazonas

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga da Universidade do Estado do Amazonas. Líder do Grupo de Pesquisa Redes Indígenas: povos indígenas e redes educativas. Editor da Revista Vagalumear.

Contribuição de autoria: Escrita completa.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3006297256905004>

E-mail: leoheizoto.uea@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

PEIXOTO, Leonardo Ferreira. Devir-tatuagem: neoconservadorismo, polêmica e conversa complicada na formação de professores. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2020.